



VARIAÇÃO NO CAMPO SEMÂNTICO “PESOS E MEDIDAS”: UM ESTUDO DO LÉXICO CATARINENSE

VARIATION IN THE SEMANTIC FIELD “WEIGHTS AND MEASURES”: A STUDY OF THE LEXICON OF SANTA CATARINA

Antonio Luiz Gubert¹

Vanderci de Andrade Aguilera²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre o léxico dos “pesos e medidas” na região de Xanxerê (SC) e municípios dos entornos. Tem como objetivo investigar a variação lexical no campo semântico a partir de dados de 48 (quarenta e oito) informantes, coletados por meio de um questionário, e tendo como base os aspectos evolutivos (diacrônicos) da língua; os elementos geográficos (diatópicos), como o rural e o urbano; e características sociais dos informantes, como faixa etária (variação diageracional), escolaridade (variação diastrática) e sexo (variação diassexual). Como alicerce teórico, foram adotados os preceitos da Dialectologia Pluridimensional (RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998, THUN, 2010) ou Geossociolinguística (RAZKY, 2004, 2010). Os resultados mostraram que o ambiente onde os entrevistados vivem e a idade são os fatores mais determinantes durante a escolha por certas formas lexicais relacionadas aos pesos e medidas, e que a escolaridade e o sexo são apenas fatores coadjuvantes no processo.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico catarinense; Pesos e Medidas; Dialectologia Pluridimensional.

ABSTRACT

This article presents a study on the lexicon of “weights and measures” in the Xanxerê region (SC) and surrounding municipalities. It aims to investigate the lexical variation in the semantic field based on data from 48 (forty-eight) informants, collected through a questionnaire, and based on the evolutionary (diachronic) aspects of the language, the geographic (diatopic) elements, such as the rural and the urban; informants’ social characteristics, such as age group (diagerational variation), education level (diastratic variation) and sex (diassexual variation). As a theoretical foundation, the precepts of Pluridimensional Dialectology (RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998, THUN, 2010) or Geosociolinguistics (RAZKY, 2004, 2010) were adopted. The results showed that the environment where users live and age are the most determining factors when choosing certain lexical forms related to weights and measures, and that schooling and sex are only supporting factors in the process.

KEYWORDS: Santa Catarina lexicon; Weights and Measures; Pluridimensional dialectology.

1 Professor no Instituto Federal de Santa Catarina. Estagiário de Pós-Doutorado em Ciências da Linguagem, antoniojubert@gmail.com.

2 Professora na Universidade Estadual de Londrina. Supervisora do Estágio, vanderci@uel.br.

Introdução

O léxico é o nível da língua mais condicionado à variação e mudança, estando em um contínuo processo de transformação, acompanhando as modificações da sociedade de que faz parte. Por essa relação estreita entre léxico e sociedade, o estudo do vocabulário pode ser determinante para a identificação de variedades regionais e socioculturais de uma língua.

A opção por alguns itens lexicais, em detrimento de outros, pode refletir o ambiente físico e social em que os falantes de uma área geográfica estão inseridos. A exemplo disso, tem-se o conjunto de léxico relacionado aos pesos e medidas, objeto deste estudo, que difere nos variados contextos linguísticos e sociais em que se manifesta.

Em algumas cidades, como em Xanxerê (SC), ainda é possível ouvir palavras como *salamim* ou *colônia*, antigas medidas usadas para terras. Possivelmente, o uso desses itens lexicais seja típico de falantes de mais idade. Contudo, inexistem estudos científicos de levantamento de dados sobre os itens comprovando ou refutando tal afirmação.

Por se tratar de um conjunto de léxico relacionado diretamente com as atividades comerciais, os pesos e as medidas podem ter se modificado com a modernização da sociedade e com a globalização da economia, passando a ser um conjunto com restrita quantidade de vocábulos, com menos variação, mais hermético e mais preciso³.

Nesse sentido, este artigo⁴ busca investigar a variação lexical nos campos semânticos “pesos e medidas” a partir de dados de informantes residentes na cidade de Xanxerê (SC) e municípios das proximidades, tendo como base os aspectos evolutivos (diacrônicos) da língua; os elementos geográficos (diatópicos), como o rural e o urbano; e características sociais dos informantes, como faixa etária (variação diageracional), escolaridade (variação diastrática), sexo (variação diassexual). Os resultados poderão fornecer importantes dados sobre a variedade local, mapeando percursos históricos evolutivos da língua, assim como poderão contribuir para as pesquisas na área da Linguística, especialmente para a Dialectologia e a Sociolinguística.

3 A preocupação com a exatidão das medidas é antiga. No livro bíblico dos Provérbios, encontra-se a passagem: “Ter dois pesos e duas medidas é objeto de abominação para o Senhor”. Portanto, ter uma medida exata e as condições linguísticas (o que inclui o léxico) para tal, era considerado uma virtude agradável a Deus.

4 Cabe destacar que este estudo é um recorte do trabalho final do estágio pós-doutoral do autor sob supervisão da co-autora.

1 O estudo da variação lexical

Quando se estuda algum aspecto sobre história de uma língua, o entorno sociocultural em que ela está envolta é um elemento fundamental e, quase sempre, determinante de variação, explicitando eventos que seriam impossíveis de serem explicados se observados apenas de um modo linguístico mais restrito.

Com relação ao léxico, esse fato se torna ainda mais importante, já que a percepção de mundo, convicções, valores e práticas socioculturais das sociedades é refletida no conjunto de léxico de um idioma. Para Biderman (1978, p. 139), “ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico”.

Ainda, segundo a autora,

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Nesse sentido, o léxico faz parte da representação de uma cultura, sendo intrínseco a ela. Acompanha movimentos sociais, tendências, ideologias, políticas, estando em constante movimento.

De acordo com Paim (2015, p. 246),

O léxico de uma língua é um instrumento de produção cultural e, ao mesmo tempo, seu reflexo, afinal ele constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano.

Nas palavras da autora, o léxico de uma língua permite visualizar o grau de desenvolvimento social de um povo, pois pode mostrar a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém, por possibilitar refletir a sua vida sócio-econômico-cultural.

O léxico se organiza em campos semânticos que, em linhas gerais, são conjuntos compostos por elementos com características semelhantes. Para Biderman (2001), o elemento semântico se organiza em dois campos distintos: o indivíduo e o meio social, sendo que o léxico

teria origem na relação estabelecida entre eles. Já para Foucault (2007, p. 31), quando se fala em semântica, “não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa, não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade”. Ou seja, o léxico é passível de variação, de aceitação e de adequação.

Atualmente, os estudos que envolvem léxico são inúmeros e abrangem diversas áreas, como a lexicologia, a lexicografia e a terminologia. De acordo com Aragão (1999), as variações lexicais podem também ser (e geralmente são) consideradas puramente geográficas (diatópicas), sociais (diastráticas) ou, ainda, dependentes do estilo (diafásicas).

Nesse sentido, cabe aos estudos lexicais explicar a opção por certas unidades em detrimento de outras, levando-se em consideração as determinadas condições linguísticas e extralinguísticas de dada comunidade linguística, na tentativa de identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, profissão, escolaridade, sexo, entre outros fatores.

O estudo da variação diatópica é competência da dialetologia; enquanto no âmbito da sociolinguística é que ocorrem os estudos da variação diastrática. Wardhaugh (1992, p. 46), ao se referir a ambos os campos científicos, comenta que “enquanto os dialetos regionais são geograficamente baseados, os dialetos sociais se originam entre grupos sociais e dependem de uma série de fatores, sendo, aparentemente, os principais a classe social, religião e etnicidade.

Contudo, essa divisão não é tão tranquila. Afinal, não é possível estabelecer um limite claro entre onde começa e onde termina cada tipo de variação, muito menos estabelecer qual o grau de prevalência de uma sobre a outra.

Para Chambers e Trudgill (1980, p. 54), “todos os dialetos são regionais e sociais, pois todos os falantes têm uma formação social e uma localização regional”. Portanto, não pode haver dialeto social sem o regional, já que todos os falantes carregam consigo uma bagagem social e uma identidade geográfica. Ainda, na visão dos autores, as duas linhas de análise descritiva da língua não são indissociáveis, ou seja:

Os dialetólogos estabeleceram há muito tempo que a língua varia de lugar para lugar. Os sociolinguistas enfatizam que a língua também pode variar de pessoa para pessoa no mesmo lugar. Tanto para os dialetólogos, quanto para os sociolinguistas, não é o simples fato da variação linguística que é importante. O que é importante é que essa variabilidade correlaciona-se com outros fatores, de modo que certas variantes são mais estreitamente associadas a uma vila do que a outra, a trabalhadores mais do que aos gerentes, a pessoas que falam com amigos próximos, em vez de estranhos, ou a algum outro fator (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 70).

Lope Blanch (1978) reforça a ideia ao comentar sobre o papel da sociolinguística nos estudos dialetais, ao dizer que a dialetologia pode se beneficiar muito com as contribuições

da sociolinguística, como, de fato, já se tem beneficiado. O progresso metodológico que a sociolinguística estabeleceu com sua rigorosa e solidificada consideração de fatores sociológicos, antes somente tratados superficialmente pela dialetologia, é tarefa de primeira grandeza, que a dialetologia deve levar de agora em diante em consideração – pois mostra, através das diferentes marcas linguísticas, a cultura, os costumes e os saberes de um povo.

A geolinguística moderna assumiu, portanto, procedimentos advindos da sociolinguística, passando a denominar-se dialetologia pluridimensional (RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998, THUN, 2010) ou geossociolinguística (RAZKY, 2004, 2010).

Para Razky (2004), com o desenvolvimento da geossociolinguística, a análise de dados variacionistas se tornou mais complexa, com a possibilidade de haver o “cruzamento de dados na mesma localidade e entre localidades”, sendo essa abordagem “necessária para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas: a sociolinguística, cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a geolinguística, que se preocupa com aspecto espacial com estratificação social mínima” (RAZKY, 2010, p. 172).

Razky e Sanches (2016), considerando a movimentação da variação linguística, especialmente a de natureza lexical, propõem também uma revisão no conceito de *isoglossa*, afirmando que a cartografia de dados lexicais começa a revelar uma diversidade lexical no mesmo espaço físico, apesar de ainda se manterem configurações de uma identidade local ou regional que passa a ser vista em termos estatísticos para estabelecer tendências e não características de identidades fixas (RAZKY; SANCHES, 2016, p. 74). Ainda segundo Razky (2013), o conceito de agrupamento lexical acompanha a mudança em curso do léxico que, por sua vez, é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, através dos meios de comunicação. Além disso, “o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, o colocando dentro de um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos” (RAZKY, 2013, p. 263).

Entender o que é agrupamento lexical possibilita, então, compreender o comportamento da variação lexical dentro dos espaços geossociolinguísticos e perceber as possíveis motivações que estão em sua base, as quais podem ser consequência do fluxo migratório, da influência estatal, da forma de povoamento etc. (RAZKY; COIMBRA; COSTA, 2017).

2 Sobre a comunidade linguística em pesquisa

Silva Neto, em 1957, apresentou algumas sugestões de estudos para o estado de Santa Catarina, as quais tinham como objetivo, basicamente, identificar características linguísticas peculiares de cada região do estado. Dentre as sugestões, está o “Estudo linguístico-etnográfico das medidas (para a superfície, para comprimento e para secos e líquidos)” (SILVA NETO, 1957, p. 43-44), inspiração para esta pesquisa.

Com relação à comunidade linguística selecionada para esta investigação, o critério utilizado na escolha foi a diversidade dos povos que habitam o município de Xanxerê – bem como as cidades de entornos, conforme será apresentado a seguir.

Quanto ao município de Xanxerê, ele surgiu em 1917, por meio de Ato do governo catarinense, em que se dividiu o município de Chapecó em cinco distritos – dentre eles, Xanxerê. Após essa divisão, iniciou-se o seu processo de emancipação, que somente se concretizou em 1953, por força de Lei.

Contudo, antes disso, por volta de 1800, há relatos da presença de índios caingangues e guaranis, sendo eles os primeiros habitantes do Oeste Catarinense. Só mais tarde, já no século XX, foi a vez dos portugueses, sírios, turcos, alemães, libaneses, poloneses, italianos e outros. Os últimos vieram motivados especialmente pelo extrativismo de madeiras, como pinheiros. Desse modo, a junção dos indígenas com os outros povos compõe a identidade linguística da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE XANXERÊ, 2013).

A localidade teve vários nomes. Mas, o que vingou foi “Xanxerê”. Em caingangue, o nome significa “campina das cobras” ou “campina da cascavel”, pelo fato de na área haver muitas espécies de cobras, especialmente cascavéis.

A cidade, juntamente com outros 13 municípios (Abelardo Luz, Bom Jesus, Entre Rios, Faxinal dos Guedes, Ipuçu, Lajeado Grande, Marema, Ouro Verde, Passos Maia, Ponte Serrada, São Domingos, Vargeão e Xaxim), compõe a microrregião da AMAI – Associação dos Municípios do Alto Irani (Mapa 1). O conjunto de cidades compartilha características sociais, históricas e linguísticas, tanto pela proximidade territorial quanto pela colonização semelhante.

Mapa 1: Localização geográfica da microrregião da AMAI



Fonte: IBGE, 2011.

No mapa, é possível perceber que a microrregião se localiza no Oeste do estado de Santa Catarina, faz divisa com o estado do Paraná, está próxima a Chapecó e distante da capital Florianópolis.

Para a seleção dos informantes desta pesquisa, foram considerados como alvo os habitantes da cidade de Xanxerê ou moradores de qualquer um dos municípios pertencentes à Amai, considerando que os habitantes dessa microrregião, conforme já mencionado, compartilham as características socioculturais desejadas para esta pesquisa.

3 Procedimentos metodológicos

Segundo Altino (2007), a importância dos questionários estruturados para a pesquisa dialetológica há muito tempo é reconhecida pelos linguistas. “Seu uso [dos questionários] permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical” (ALTINO, 2007, p. 82).

Antes da composição do instrumento de coleta de dados, precedeu-se ao estudo da comunidade linguística alvo. De acordo com Aguilera e Figueiredo (2002), o conhecimento pode se dar de duas maneiras diferentes, mas não excludentes entre si: pela inserção do pesquisador na comunidade ou por meio de pesquisa bibliográfica. Esta última poderá ser dispensada caso o investigador seja integrante do grupo e esteja inserido na atividade em estudo, ou se estiver ligado a um indivíduo que o represente, de forma tal que seja possível o acesso a todos os dados necessários. As autoras ainda ressaltam que as informações obtidas por meio de publicações dificilmente se mostrarão suficientes a ponto de dispensar o contato direto com a comunidade. No caso desta pesquisa em particular, o pesquisador faz parte da comunidade linguística em estudo.

Depois de concluída a etapa de conhecimento da comunidade, foi elaborado o instrumento de coleta de dados, um Questionário Semântico-Lexical composto por vinte perguntas, acrescido de uma questão aberta, em que se solicita um relato pessoal sobre o tema. As perguntas foram distribuídas em três campos semânticos, quais sejam: *plantas, terras e animais*. A divisão feita dessa forma, isto é, por campos semânticos, como afirma Silva Neto (1986, p. 194), já em 1950, torna “mais proveitoso o estudo dos falares, e os resultados serão mais dignos de confiança”. O questionário foi enviado via plataforma digital aos informantes.

No total, foram coletados dados de 48 informantes para avaliar a variação nas seguintes dimensões: *diageracional*: vinte e quatro informantes de 15 a 20 anos (Faixa I), vinte e quatro com mais de 40 anos (Faixa II); *diassexual*: vinte e quatro (H) e vinte e quatro (M); *diatópica*: vinte e quatro residentes na zona urbana (U) e vinte e quatro na zona rural[®]; *diatrática*: vinte e quatro informantes com ensino fundamental incompleto (F) e vinte e quatro informantes com

ensino médio completo (M). Todos os informantes devem ter nascido e residir na cidade de Xanxerê ou em municípios da Amai e não devem ter se ausentado da região por tempo superior a um ano, evitando assim interferências linguísticas de outras comunidades.

Após a coleta, os dados foram analisados e apresentados ou em formato de tabelas ou em cartas⁵, dependendo dos resultados obtidos e levando-se em consideração as variáveis sociais de maior contraste⁶ e significância para a análise.

A hipótese adotada para este estudo é que há importante variação lexical quanto à dimensão diageracional no campo semântico “pesos e medidas” no espaço geográfico estudado, com redução de itens lexicais motivada por transformações sociais, como globalização da economia, industrialização, urbanização, criação do Sistema Internacional de Unidades (1960) etc., e que há menos ou não há variação nos demais fatores pesquisados (variação diasssexual, diafásica e diatópica), pois esses não são determinantes para a manutenção dos itens lexicais em questão.

4 Resultados

4.1 Dados dos informantes

Com relação à distribuição dos informantes no espaço geográfico delimitado para a pesquisa, obteve-se a seguinte configuração: no município de Faxinal dos Guedes, foram coletados dados de 4 informantes; em Ipuacu, de 2; em Marema, de 1; em Lajeado Grande, de 1; em Passos Maia, de 1; em São Domingos, de 4; em Vargeão, de 7; em Xanxerê, de 17; e em Xaxim, de 11. Nos demais municípios da Amai, não houve coleta.

Para o estado civil, dos 24 informantes da faixa etária entre 15 a 20 anos, apenas uma informante (zona rural, ensino fundamental) declarou como estado civil “outro”, tendo os demais declarado “solteiro”. Na faixa etária acima dos 40 anos, uma informante (zona rural, ensino fundamental) declarou ser solteira, uma declarou ser “viúva” (zona urbana, ensino médio) e um declarou, como estado civil, “outro” (zona rural, ensino médio). Os demais declararam-se casados(as).

A média de idade dos informantes da primeira faixa etária pesquisada foi de 17,5 anos, enquanto a dos informantes da segunda faixa etária foi de 50 anos.

4.2 Análises das respostas

5 Para a geração das cartas, foi utilizado o software [JGVCLin] (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014). Algumas não serão exibidas, por conta das limitações deste artigo.

6 Pela pouca quantidade de dados – 48 por questão –, não foram usados programas estatísticos para análise, como o GoldVarb 2001, que selecionaria por ordem as variáveis mais significativas para a análise.

Na pergunta 1, buscava-se investigar “Qual medida que se usa para pesar erva-mate?” Partia-se do pressuposto que “arroba” indicaria a resposta esperada frente à medida “grama/quilograma”, as quais seriam medidas mais inovadoras, atuais. Como respostas, foram obtidas 19 ocorrências para “arroba” e variações (como “arroba” e “arrouba”), 23 para grama/quilograma, 4 respostas “não sei” e 4 para “outras”, como “fardo”, “balança”, “colher de sopa” e “peso”. Importante destacar duas respostas do conjunto que indicaram problema na formulação da questão: 1) *Erva verde em arroba e socada em kg*; e 2) *A ervateira usa a medida de aroba para compra no campo e depois é vendida por kg nos mercados*. A partir da análise de ambas as respostas, foi possível perceber que há mais de uma possibilidade para pesar erva-mate e que a pergunta não dava conta de analisar tal fato. É um evento pelo qual todo questionário está passível de ser afetado e, para uma próxima pesquisa, a questão deve ser reformulada.

Na tabela 1, a representação sintética das respostas, por ponto de coleta⁷:

Tabela 1: Respostas da pergunta 1

Ponto	Localidade	Resposta				Total
		arroba	grama/ quilograma	não sei	outras	
1	Xanxerê	4	11	1	1	7
2	Faxinal dos Guedes	3	1	0	0	4
3	Xaxim	2	6	2	2	2
4	Lajeado Grande	0	1	0	0	1
5	Marema	0	1	0	0	1
7	Ipuaçu	1	0	0	1	2
8	São Domingos	1	2	1	0	4
12	Vargeão	7	1	0	0	8
13	Passos Maia	1	0	0	0	1
Total		19	23	4	4	50⁸

Fonte: Dados de pesquisa (2020).

Após análise dos dados, distribuindo-os nas células específicas, as variáveis “sexo” e “escolaridade” não se mostraram produtivas para identificar variação; portanto, selecionaram-se as variáveis “idade” e “local de residência”. Para exemplificar a distribuição nas células, apresenta-se a tabela 2, referente a esta questão; contudo, pelas limitações do artigo, nas próximas questões o procedimento não será feito:

7 Pelas limitações deste artigo, não serão mais apresentadas tabelas sintéticas das respostas.

8 Dois informantes forneceram mais de uma resposta.

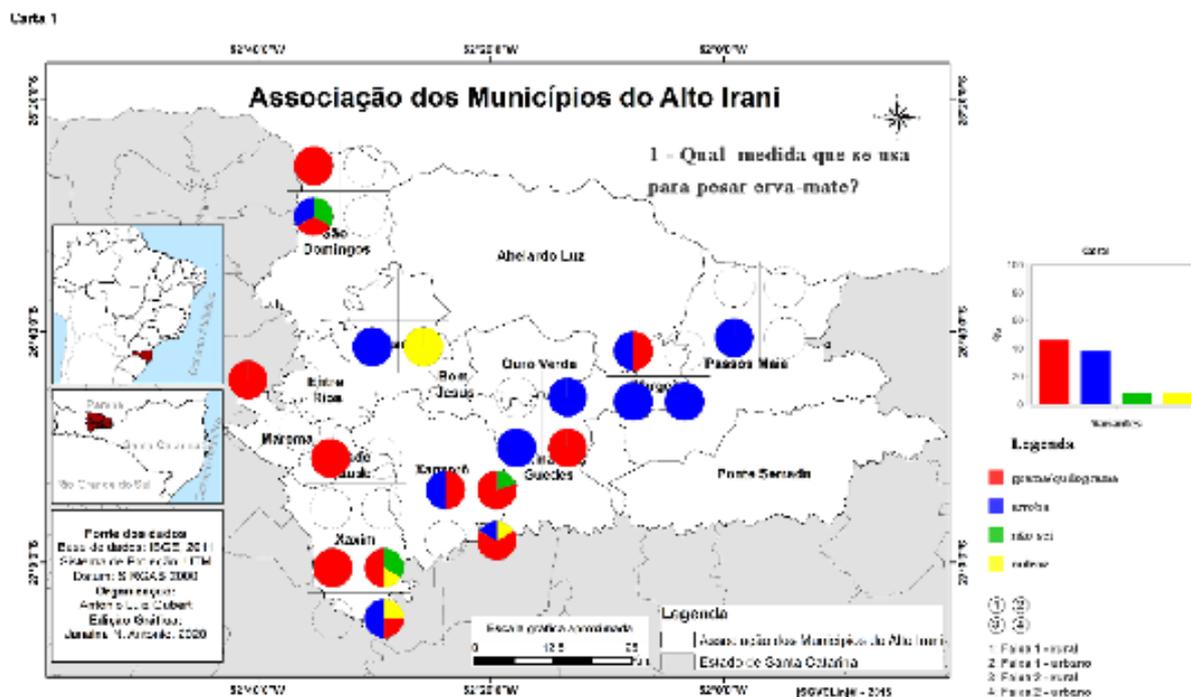
Tabela 2: Distribuição das respostas nas células das variáveis

1. Qual medida que se usa para pesar erva-mate?						
Variáveis sociais				Respostas		
Idade	Sexo	Resid.	Escol.			
15 a 20 anos	Masc	Urb	EF	não sei	kg	kg
			EM	gramas	grama	kilogramas
		Rur	EF	quilograma	arroba	gramas
			EM	kg	arroba	kg
	Fem	Urb	EF	kg	balança	kg
			EM	não sei	não sei	arroba
		Rur	EF	arroba/kg	quilograma	arroba
			EM	kg	quilogramas	Kg
+40 anos	Masc	Urb	EF	peso	aroba/kg	Kilo
			EM	quilograma	kg	Fardo
		Rur	EF	arroba	kg	Arroba
			EM	aroba	arroba	Arroba
	Fem	Urb	EF	arroba	kg	colher de sopa
			EM	kg	aroba	Kg
		Rur	EF	arroba	não sei	Aroba
			EM	arrouba	arroba	Aroba

Fonte: dados de pesquisa (2020).

A Carta 1 mostra a distribuição das ocorrências selecionadas:

Carta 1: Respostas para peso de erva-mate



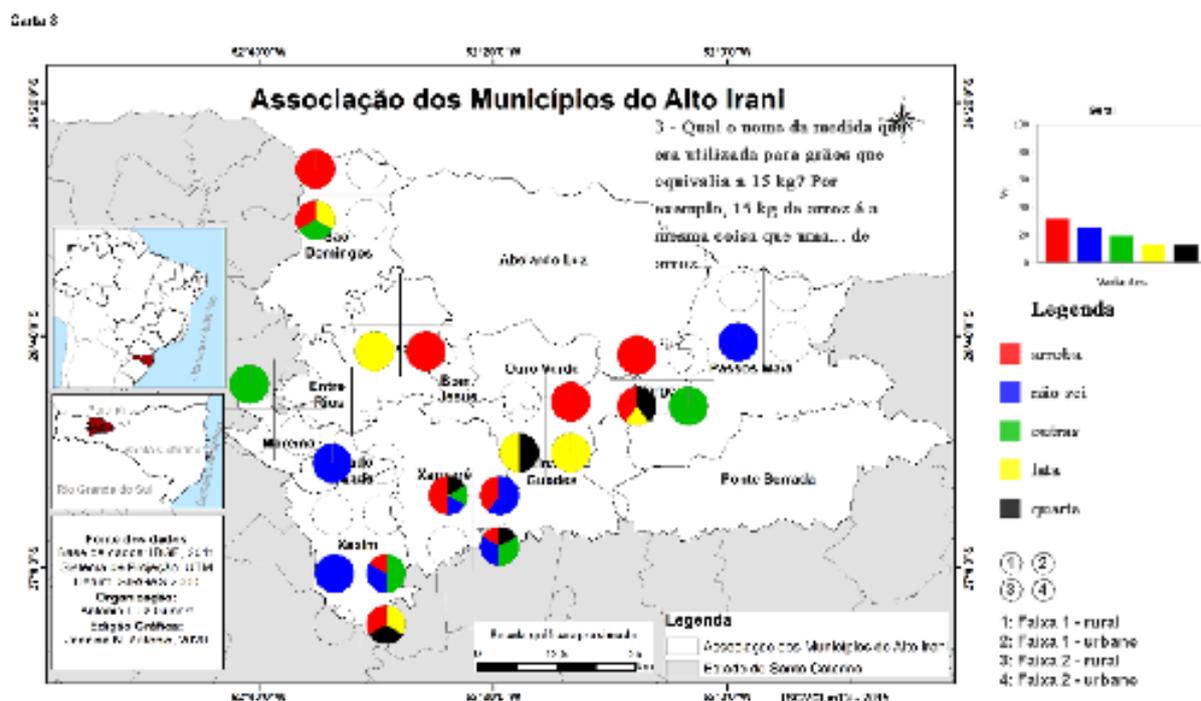
Fonte: Dados de pesquisa, 2020.

Questionados sobre “Qual o nome da medida que era utilizada para grãos que equivalia a 15 kg? Por exemplo, 15 kg de arroz é a mesma coisa que uma... de arroz...”, os informantes forneceram respostas como “saca”, “lata”, “arroba”, “quarta”, “alqueire”. Considerou-se a forma “lata” como a forma mais conservadora, a qual obteve seis respostas no conjunto. A forma “arroba” foi a que mais teve ocorrências, 15, mesmo que seja um tanto improvável que a medida tenha sido/seja utilizada na compra de tal alimento. Provavelmente, os informantes optaram pela medida em analogia à resposta da questão 1.

Além das observações anteriores, cabe destacar que dois informantes responderam à pergunta com o símbolo “@” – para indicar a medida “arroba” – (um em cada faixa etária), o que pode ser considerado inovação linguística.

Depois de distribuídas as respostas nas células, foram destacadas como variáveis sociais mais relevantes “idade” e “local de residência”. A carta 3 expõe os dados obtidos:

Carta 3: Respostas para pesos de arroz



Pela carta 3, a forma “arroba” predominou nas respostas. A forma “lata”, medida conservadora, figurou especialmente entre os informantes da segunda faixa etária e da zona rural, conforme é possível ser visualizado em amarelo na carta.

Para a questão 4, “Dizer que tenho 64 espigas de milho é a mesma coisa que dizer que tenho 1... de milho”, considerou-se como respostas mais conservadora a medida “mão” seguida de “cesto”. Na categoria “outros”, estão incluídos vocábulos como “lata, atil⁹, quarta

9 Para “atilhão”, medida usada para aquilo que está ligado por um barbante (atilhão).

e *pannocchia*¹⁰”, este último um claro exemplo de empréstimo linguístico, já que a informante usou o termo para preencher uma lacuna existente na sua língua materna.

De acordo com Gumperz (1982, p. 66, tradução nossa):

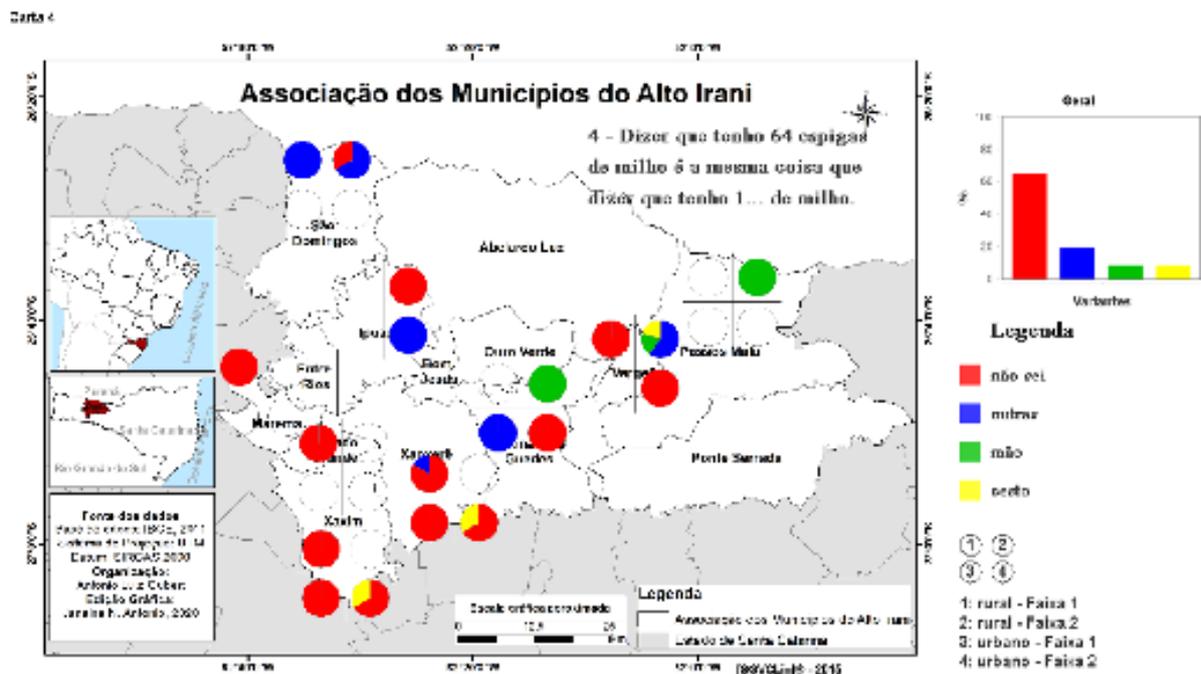
Empréstimos podem ser definidos como a introdução de palavras ou expressões idiomáticas curtas, congeladas, de uma variedade dentro da outra. Os itens em questão são incorporados dentro do sistema gramatical da língua que se torna emprestado. Eles são tratados como parte do seu léxico, tomam suas características morfológicas e entram em suas estruturas sintáticas”.

Os empréstimos linguísticos são muito comuns em áreas colonizadas por italianos, especialmente entre os falantes mais velhos (GUBERT, 2012).

No conjunto de 48 dados, a resposta “não sei” representou a grande maioria do conjunto, com 31 ocorrências. Esse fato pode estar ligado ao desuso da medida, já que nos tempos atuais é pouco provável que alguém tenha de medir algo usando tais unidades.

Tendo identificado os vocábulos coletados e suas particularidades, bem como a distribuição nas células, foram avaliadas as variáveis que se mostraram produtivas para a análise. Então, para essa pergunta, a carta a seguir foi projetada com “local de residência” e “idade”.

Carta 4: Respostas para espigas de milho



Na carta 4, é possível verificar que o vocábulo “cesto” teve maior incidência em

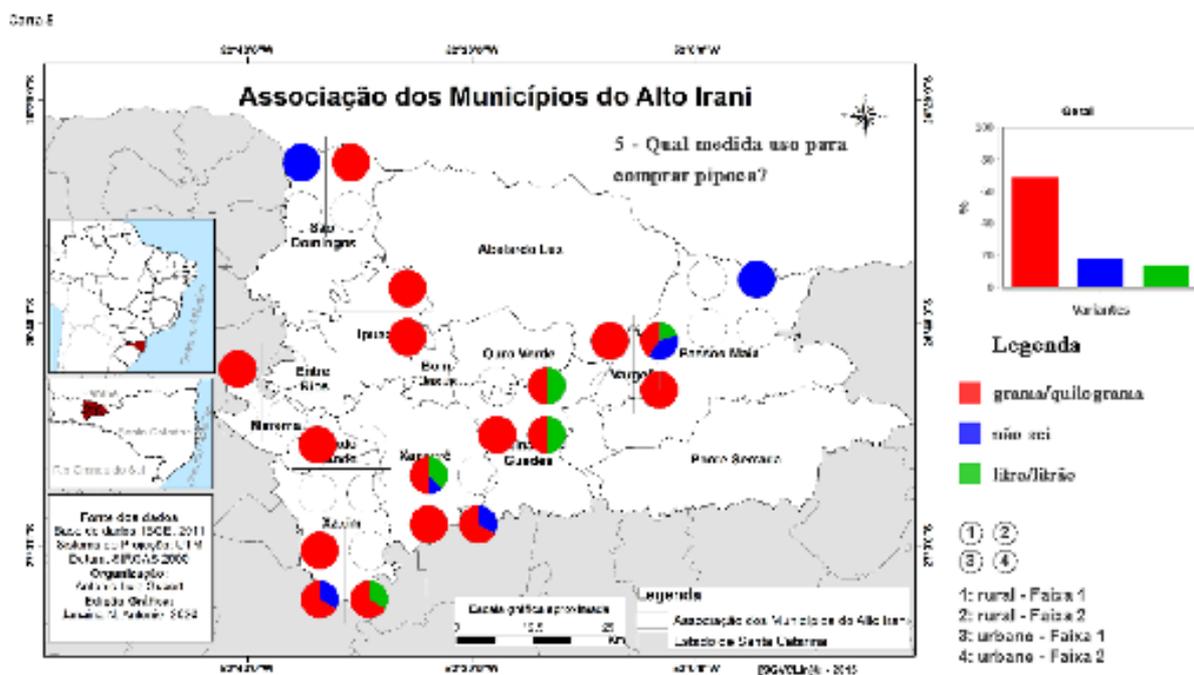
10 *Pannocchia* significa “espiga de milho” em italiano, dialeto falado pela informante e sua família. Além desse significado, o termo também pode ser usado no sentido pejorativo, no sentido de “bobo, lento”.

informantes da faixa 2, zona urbana, ocorrendo também em informantes da faixa 2, zona rural. A medida “mão”, em verde, aparece apenas em informantes da faixa 2 residentes na zona rural. A resposta “não sei” predomina na maior parte dos municípios, conforme é possível ver em vermelho.

Na pergunta 5, os informantes foram questionados sobre a medida que usavam para comprar milho de pipoca. Consideraram-se as medidas “litro” e “litrão”¹¹ como mais agrícolas, conservadoras, e “grama” e “quilograma” como mais urbanas, inovadoras.

Como respostas, houve maior incidência de “grama/quilograma” (35 dados), seguida por “não sei” (9) e, por último, a medida “litro/litrão” (9). Após distribuição dos dados, foram selecionadas as variáveis “local de residência” e “idade” como mais significativas para a elaboração da carta 5:

Carta 5: Respostas para peso do milho de pipoca



Na carta 5, em verde, estão marcadas as respostas para “litro/litrão”, fornecidas por um informante da “faixa 1 – rural”¹² e por alguns informantes mais velhos de ambos os tipos de localidades. As formas “grama” e “quilograma” predominaram em todos os cenários.

Na pergunta 6, “Com qual medida meço a largura de uma madeira?”, foi considerada

11 “Litro” (ou “litrão”) é a medida feita a partir do enchimento do recipiente plástico vazio do refrigerante.

12 Interessante analisar de modo mais particularizado a resposta completa dada pelo informante: “Gramas no mercado ou litros se for direto do produtor”. O conjunto dos elementos reflete o conhecimento de mundo do informante, assim como deixa transparecer as práticas sociais comuns na sua sociedade: para cada situação, cada contexto, uma unidade pode ser usada.

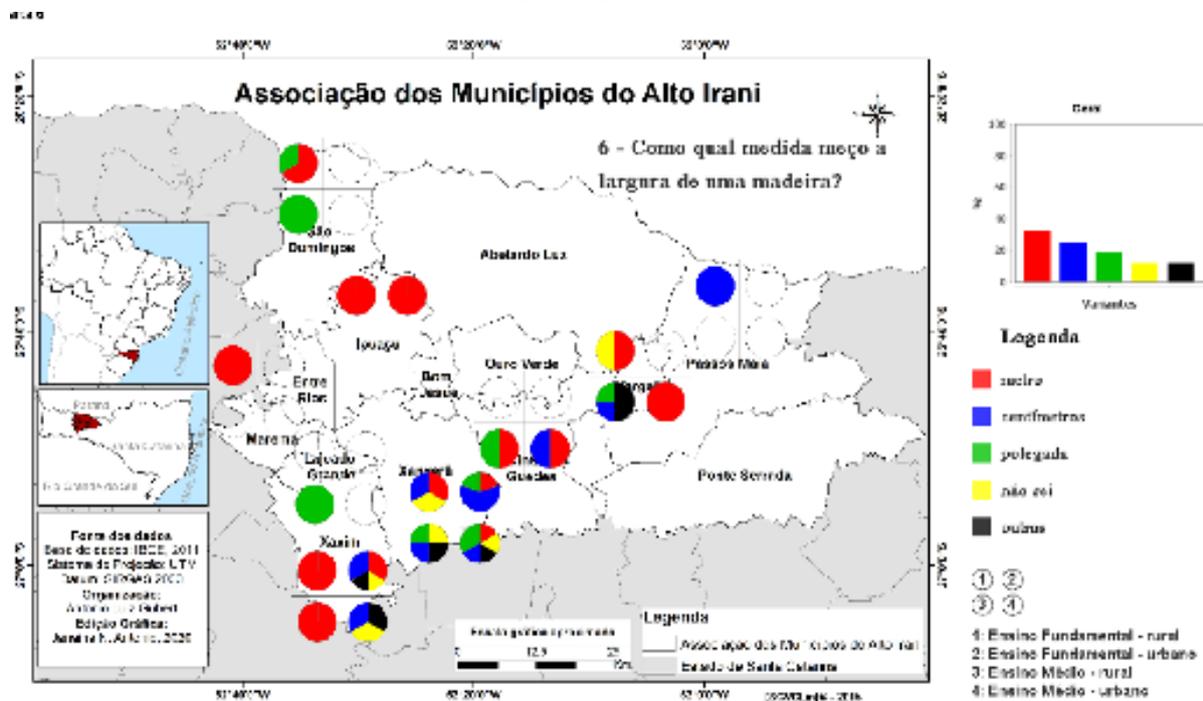
como medida mais conservadora o vocábulo “polegada” – unidade possível de ser medida, de modo aproximado, com o topo do dedo polegar, consistindo na largura entre a base da unha e a ponta do dedo, sem uso de instrumentos sofisticados.

Além de “polegada”, com nove ocorrências, também registraram “centímetros”, com 12, e “metros” – mesmo que seja pouco provável que alguém meça a largura de uma madeira em metros.

Na distribuição dos dados nas células, foi possível identificar como variáveis significativas para análise “escolaridade” e “local de residência”.

Na carta 6, em verde, é possível observar a distribuição das ocorrências para “polegada” especialmente em informantes dos municípios de São Domingos e Lajeado Grande, com presença também em Xanxerê, Faxinal dos Guedes e Vargeão (com representação em todos os grupos da carta); mas, de fato, “metro”, em vermelho, e “centímetros”, em azul, prevalecem em todas as categorias:

Carta 6: Respostas para largura da madeira



Na pergunta 7, “Como se chama quando se colocam dois cestos de milho num cavalo ou num burro pra levar o milho pro paiol? É um o quê de milho?”, para facilitar a compreensão do enunciado, foi utilizada uma imagem ilustrativa.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 31), sobre o uso de figuras nos questionários, citam que:

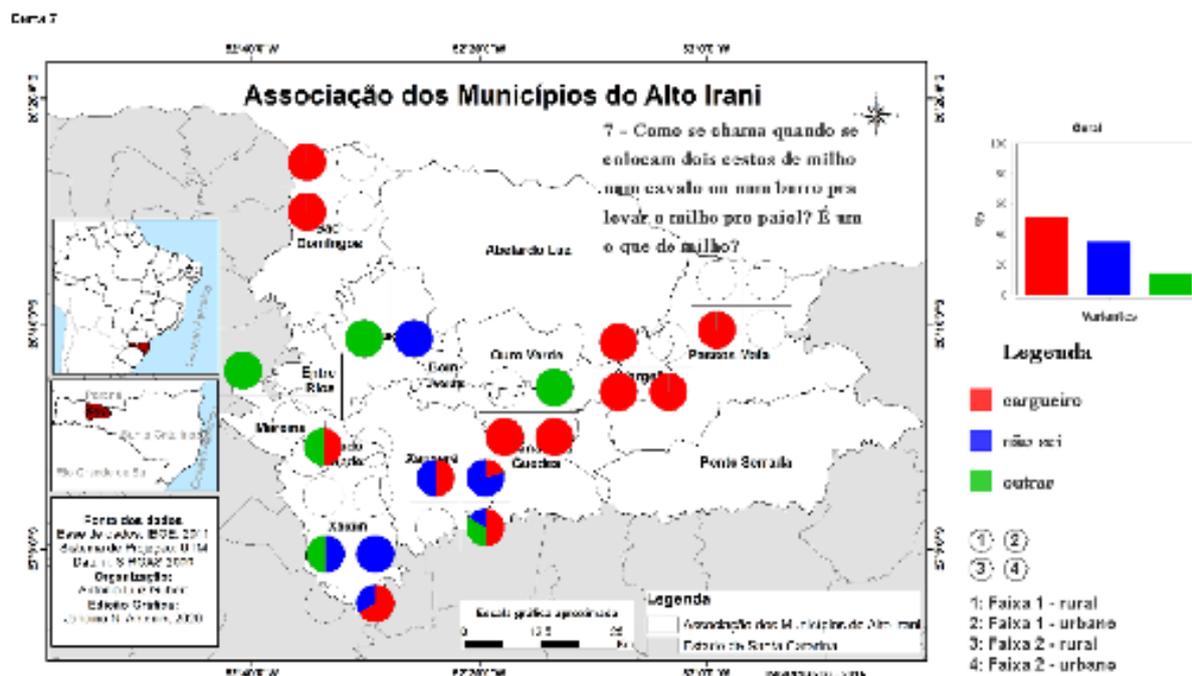
Nesse caso, o uso de gravuras, perfeitamente traçadas, para serem descritas pelo informante apresenta uma dupla vantagem: de um lado permite que o informante [...] sirva-se das formas lexicais que se quer apurar; de outro, permite uma maior homogeneização do comportamento dos inquiridores no sentido de formular, com menor grau de diferenciação, as mesmas questões a diferentes informantes.

Esperava-se, a partir dos elementos fornecidos, que os informantes respondessem com a palavra “cargueiro”, medida antiga e rural. Entretanto, além da forma esperada, outras formas emergiram e outros informantes não souberam responder.

Na categoria “outras”, estão respostas como “balaio”, “cangalha”, “um cesto de milho”, “uma quarta de milho”, que não correspondem às quantidades da medida solicitada na pergunta.

Após análise dos dados, foram selecionadas as variáveis “local de residência” e “idade” para elaboração da carta 7:

Carta 7: Respostas para dois cestos de milho



Em vermelho, na carta 7, estão destacadas as respostas para “cargueiro”, que prevalecem sobre as demais em todas as categorias. A ausência de resposta vem em segundo lugar com uma distribuição regular em Xaxim, Xanxerê e Bom Jesus.

Na pergunta 8, “Quando eu quero comprar ovos, que medida que eu uso?”, esperava-se uma uniformidade nas respostas, que possivelmente indicariam na totalidade a forma “dúzias”. Contudo, duas informantes, da zona rural, faixa 1, uma com ensino fundamental (Xaxim) e outra com ensino médio (Xanxerê), responderam “unidades”. As respostas podem estar indicando um processo de evolução na medida, que deixa de ser restrita aos múltiplos de 12 (doze) e passa a ser unitária – nem sempre o produtor dispõe de uma dúzia inteira para venda, por exemplo, e precisa vender menos quantidade do produto. Ou, em outra hipótese, uma dúzia, ou mesmo meia, pode ser muito para uma pessoa que more sozinha ou que precise de pequena quantidade para apenas determinada receita.

Na pergunta 9, os informantes foram questionados sobre “Quanto mede um laço de gaúcho? Dá 12 o quê?”. Esperava-se, como resposta majoritária, “braças” ou “braços”, medida conservadora.

De fato, a medida “braços”/“braças” figurou na maior parte dos dados, com 20 ocorrências em 48; seguida por “não sei”, com 16 ocorrências; “metro” com sete; e “outras”¹³, com cinco.

Após análise da distribuição das ocorrências nas células das variáveis sociais, constatou-se como variável mais significativa o fator “idade”, tendo a faixa 2 optado majoritariamente pela forma “braças/braços” (14 ocorrências) em oposição a outras formas citadas, enquanto a faixa 1 não soube responder ou respondeu em número inferior (cinco ocorrências para “braço”/“braça”).

Para ilustrar a distribuição das ocorrências, foi gerada a carta 8, com as variáveis “sexo” e “local de residência”, que também se mostraram produtivas para a análise. Foi possível verificar, mediante a análise dos dados, a predominância da forma “braço”/“braça”, em vermelho, na fala masculina e na zona rural, em municípios como Vargeão, Faxinal dos Guedes, São Domingos, Bom Jesus, com presença também em informantes de outras categorias ou municípios, o que mostra a natureza conservadora da medida.

Na pergunta 10, “Qual a medida usada para ver se a cova está funda o suficiente?”, esperava-se pela resposta “palmo”, medida conservadora que faz parte do imaginário popular por meio da expressão “sete palmos”.

Como respostas, predominou “palmo”, com 28 (vinte e oito) ocorrências, seguida por “metro” (mesmo sendo improvável uma cova com 7m); “não sei”, com oito respostas, e “outras”, com quatro respostas. Interessante destacar duas respostas anotadas em “outras”, fornecidas por duas informantes residentes na zona rural, uma de cada faixa etária: a) “Uma madeira comprida”; e b) “Cabo da enxada”. As informantes, então, declararam que utilizam objetos de seu cotidiano para verificar a profundidade de uma cova, usando-os como instrumentos e padrões de medida. O fato é bastante curioso e pode ser análogo à ação da dona de casa que tem determinada xícara para ser usada como medida, mesmo que o objeto não tenha uma quantidade padrão estabelecida.

Após análise dos dados, as variáveis “idade” e “escolaridade” se mostraram produtivas para interpretação dos resultados.

Notou-se predominância de “palmo” sobre as demais respostas, exceto em Marema, Ipuacu e Passos Maia, especialmente entre os informantes faixa 1 do ensino médio, que preferiram outras medidas ou não souberam responder.

Na pergunta 11, “Qual medida uso para comprar banha?”, indicaram-se as formas “litro”¹⁴ e “lata” como mais rurais, sendo a última mais conservadora. A forma “quilograma” foi tida como mais inovadora.

13 Em tentativa de resposta, os informantes forneceram dados como: *léguas, passos, circunferência, centímetros e nó.*

14 Da mesma forma, para medir pipoca, podem ser usados litros descartáveis de refrigerantes.

Predomina a forma “quilograma”, com 31 ocorrências, seguida por “lata”, com sete, e “litro”, com seis, mesma quantidade dos informantes que não souberam responder.

Como variáveis sociais selecionadas para a carta 10, constam “local de residência” e “idade”.

A forma “quilograma” prevaleceu em todas as categorias, seguida por “lata”. A forma “litro” aparece mais em evidência em informantes da faixa 1, tanto da zona rural como da zona urbana, nas cidades de Lajeado Grande, Xaxim e Xanxerê.

Na pergunta 12, “*Qual medida é mais utilizada hoje para medir terra?*”, esperava-se como resposta o termo “hectare”. Este termo, como esperado, apareceu em maior evidência, com 27 ocorrências, seguido por “outras”¹⁵, com 12, “alqueire”, com 10 e “não sei”, com quatro.

Para a elaboração da carta 11, foram selecionadas como variáveis mais significativas “sexo” e “local de residência”.

Predominou a forma “hectare” sobre as demais, especialmente nos informantes do sexo masculino residentes na zona rural.

Na pergunta 13, “*Dizer que tenho 10.000m² de terra é a mesma coisa que dizer que tenho quanto?*”, buscava-se identificar se os informantes conheciam a unidade “hectare”, unidade correspondente à medida.

A maior parte dos informantes (31) soube indicar a medida ao passo que dez elicitaram outras medidas, como “colônia”, “alqueire”, e sete não souberam responder.

A faixa etária não se mostrou significativa para a análise da predominância dos fatores sociais. Foram selecionadas, então, “sexo” e “local de residência”. Os informantes que indicaram “não sei” “ou outras medidas” fazem parte especialmente dos grupos urbanos, mas também estão nos grupos rurais.

Na pergunta 14, “*Se eu herdei do meu avô um pedaço de terra de 6.050m², eu herdei a mesma coisa que uma...*”, buscava-se a resposta “quarta”.

Predominou a resposta “quarta” sobre as demais, com um total de 25 dados. Na sequência, “não sei”, com 15 dados, e “outras”¹⁶, com oito.

Uma resposta que merece comentário é a que foi dada por um informante masculino, da faixa 2, residente na zona urbana, com pouca escolaridade. Para responder “quarta”, o informante respondeu “guarda”, fazendo duas trocas gráficas motivadas por problema de compreensão ou troca dos pares surdos/sonoros [k/g] e [t/d]. O fato pode ter ocorrido pela pouca escolarização do informante (pelo registro na ficha, apenas ensino primário) ou por fatores linguísticos, como

15 Nesta categoria, estão respostas como: *metros, m², colônia*.

16 Nesta categoria, estão respostas como “colônia”, “hectare”, “instância de terra”, “alqueire”.

influências de dialetos colonizadores como o hunsriqueano, em que são comuns tais trocas (PAULI, 2001).

A idade dos informantes foi uma variável muito significativa para esta resposta, já que a maior parte dos informantes da faixa 1 (17 informantes) não soube responder (ou respondeu de forma inadequada) qual seria a medida. Outra variável que se mostrou produtiva para a análise foi “local de residência”.

Foi possível observar que os informantes da zona urbana não responderam “quarta”, o que indica que a medida é mais conhecida no ambiente rural. Além disso, predominam as respostas “não sei” e “outras” nas cidades de Marema, Bom Jesus, Xaxim e Xanxerê. Nas demais, aparece apenas a medida “quarta”.

Questionados sobre qual medida é usada para medir a distância entre cidades (pergunta 15), apenas dois informantes jovens, um do sexo masculino, com ensino médio, zona rural, e uma do sexo feminino, ensino fundamental, urbana, não souberam responder¹⁷. Os demais, todos responderam “quilômetros”, mostrando uniformidade no uso da medida. Não será feita carta para esta pergunta.

Na pergunta 16, “*Meia quarta de terra é a mesma coisa que um...*”, esperava-se como resposta o termo “salamim” e suas variantes fonéticas¹⁸, medida tida como conservadora.

A forma esperada, no entanto, foi a menos frequente, com apenas oito ocorrências no conjunto. Em primeiro lugar, está “não sei”, seguida de outras formas usadas como tentativa de resposta (“hectare”, “quatro quadros”, “três mil e 25 mt”, “litro de terra”¹⁹).

Após a análise dos dados, as variáveis “idade” e “local de residência” se mostraram mais significativas para o termo “salamim”.

Houve a incidência do termo e suas variantes apenas na fala de informantes residentes na zona rural, de ambas as faixas etárias, em maior número na faixa 2 (municípios de Marema, Bom Jesus, Passos Maia, Vargeão, Lajeado Grande e Faxinal dos Guedes).

Na pergunta 17, “*Quando eu digo que tenho 24.200m² de terra, também posso dizer que tenho 2,4 hectares, 4 quartas ou um...*”, esperava-se como resposta o termo “alqueire”, medida rural conservadora.

Como esperado, o termo “alqueire” foi a resposta mais produtiva (27), seguida por “não sei” e “outras”²⁰.

Após a análise das ocorrências, a variável “local de moradia” se mostrou bastante significativa na comparação; os outros três fatores tiveram o mesmo grau de variação.

17 Podem não ter lembrado no momento ou mesmo não terem compreendido a pergunta, já que a medida é bastante conhecida.

18 Nos dados, foram encontradas as formas: “salamin”, “sulumin”, “solominho” e “solumin”.

19 Um *litro de terra* equivale a 605 m².

20 Foram citadas medidas como *colônia*, 4 quadros e 48100 m².

Foi possível perceber a predominância da forma “alqueire” em todas as categorias.

A pergunta 18, “*Quando eu medir uma área grande, um conjunto de 10 alqueires, por exemplo, eu posso usar a medida...*”, tinha como objetivo investigar se os informantes conheciam a medida “colônia”, léxico agrícola e conservador.

“Colônia”, com 27 (vinte e sete) respostas foi a mais frequente, seguida por “não sei” (17) e outras (4)²¹.

Após contabilização e classificação dos dados, as variáveis “idade” e “local de residência” se mostraram significativas para análise.

Foi possível observar a predominância da medida “colônia” sobre a resposta “outras” nas cidades de Xanxerê (faixa 2 – urbano) e Xaxim (faixa 1 – urbano), e em Xaxim e Xanxerê (faixa 1 – rural; faixa 1, urbano; faixa 2, urbano). Os dados mostram, pois, que a medida “colônia” é característica do ambiente rural.

Na pergunta 19, buscou-se investigar o nome do profissional que mede as terras.

Do conjunto de 48 respostas, 31 foram para “agrimensor” e suas variantes²², 13 para “não sei” e quatro para “outros”²³.

Após contagem e análise dos dados, foram selecionadas as variáveis “sexo” e “local de residência” como as mais distintivas para a análise.

A distribuição majoritária do vocábulo “agrimensor” frente a “outras” e “não sei”, estas encontradas em apenas dois municípios (Xaxim e Xanxerê) em informantes femininos – rural, feminino – urbano e masculino – urbano, o que mostra que o item lexical está mais presente no universo masculino e no ambiente rural.

Para a pergunta 20, “*Como se chama o instrumento fino, comprido e flexível, geralmente amarelo, que se usa para medir tamanhos pequenos?*”, o item “trena” figura na maioria absoluta dos dados, com 43 ocorrências. Em “outras”, aparecem vocábulos como “metro” e “fita métrica”, com quatro ocorrências no total. Apenas dois informantes não souberam responder. Após a análise das respostas, houve uniformidade na distribuição das respostas nas variáveis, mostrando não haver variação; portanto, não será gerada carta para esta pergunta.

Tendo explorado todas as perguntas do questionário, como forma de síntese dos resultados, elaborou-se o Quadro 1 com as perguntas, as variáveis e os resultados alcançados:

21 Foram citadas as medidas *metros, quilômetros e hectares*.

22 Foram registradas as variantes: *gremessor, agremessor, agrimessor, agrinmesor, gramesor, agre-mensor e agremessor*.

23 Nesta categoria foram dadas respostas como *topógrafo, engenheiro ambiental, engenheiro agrônomo*, profissões que não trabalham diretamente com a medição de terras.

Quadro 1: Síntese dos resultados

Perg.	Variável social				Resultado
	Sexo	Esc.	Resid.	Idade	
1			x	x	A medida “arroba” aparece mais evidente entre os grupos com informantes mais velhos e residentes na zona rural.
2		x	x		O item “saca”, conservador, figura especialmente nos grupos com informantes residentes na zona rural e com ensino médio.
3			x	x	A forma “lata”, medida conservadora, figurou especialmente entre os informantes da segunda faixa etária e da zona rural.
4			x	x	A medida “mão” aparece apenas entre informantes da faixa 2 residentes na zona rural.
5			x	x	As formas “grama” e “quilograma” predominaram em todos os cenários.
6		x	x		As medidas “metro” e “centímetros” prevaleceram em todas as categorias:
7			x	x	A medida “cargueiro” prevaleceu sobre as demais em todas as categorias.
8			x	x	Dois informantes, da zona rural, faixa 1, responderam “unidades”. As respostas podem estar indicando um processo de evolução na medida.
9	X		x	x	A faixa 2 optou majoritariamente pelas formas “braças”/“braços”. Além disso, essas formas aparecem nos dados do sexo masculino – zona rural, em vários municípios, o que mostra o teor conservador da medida.
10		x		x	“Palmo” predomina sobre as demais respostas.
11			x	x	A forma “quilograma” prevaleceu em todas as categorias. A forma “litro” é mais evidente em informantes da faixa 1, tanto da zona rural como da zona urbana.
12	X		x		A forma “hectare” predomina sobre as demais, especialmente na fala de informantes do sexo masculino residentes na zona rural.
13	X		x		A forma “hectare” prevaleceu. Os informantes que indicaram “não sei” “ou outras medidas” fazem parte especialmente dos grupos urbanos.
14			x	x	Os informantes da zona urbana não responderam “quarta”, o que indica que a medida é mais conhecida no ambiente rural. A maior parte dos informantes da faixa 1 não soube responder (ou respondeu inadequadamente) qual seria a medida.
15				x	Apenas dois informantes jovens não souberam responder. Os demais, todos responderam “quilômetros”.
16			x	x	O termo “salamim” e variantes fônicas aparece apenas entre informantes residentes na zona rural, de ambas as faixas etárias, em maior número na faixa 2.
17	X	x	x	x	“Alqueire” predomina em todas as categorias.
18			x	x	Os dados mostram que a medida “colônia” é característica do ambiente rural.
19	X		x		Os homens do ambiente rural são os que mais conhecem o termo “agrimensor”.
20	X	x	x	x	O vocábulo “trena” figura na maioria absoluta dos dados.
Total	6	5	19	15	O local de residência do informante, assim como sua idade, são os fatores principais que influenciam na escolha do léxico relacionado aos “pesos e medidas”.

Fonte: Dados de pesquisa

A hipótese principal adotada para o estudo, de que haveria significativa variação lexical quanto à dimensão diageracional no campo semântico “pesos e medidas” no espaço geográfico estudado, foi confirmada; contudo, a hipótese secundária, que haveria menos ou que não haveria variação diasssexual, diafásica e diatópica, acabou por não se confirmar totalmente, já que o local de residência dos informantes (variação diatópica) foi o fator principal encontrado como influenciador na caracterização do léxico sobre “pesos e medidas”. Os resultados mostraram, portanto, que *o ambiente onde os usuários vivem e a idade são os fatores mais determinantes na escolha de certas formas lexicais relacionadas aos pesos e medidas, e que a escolaridade e o sexo são apenas fatores coadjuvantes no processo.*

Considerações finais

Conforme se explicitou e ficou comprovado com este estudo, o léxico é a esfera linguística mais propícia à variação e à mudança, acompanhando as transformações das sociedades nas quais está inserido.

Quando um usuário opta por determinada lexia, está espelhando um conjunto de fatores que lhe são inerentes, como o ambiente físico e social de determinada área geográfica, bem como o sexo, a escolaridade, a idade, entre outros fatores. Dessa forma, com o vocabulário relacionado aos pesos e medidas, foco deste estudo, usados na área da AMAI, no oeste catarinense, não foi diferente.

Com o advento da geossociolinguística (RAZKY, 2004), o cruzamento e análise desse tipo de dados foi possível, garantindo um estudo mais ampliado do fenômeno.

O léxico relacionado aos pesos e medidas, na região demarcada para o estudo, está sob a influência direta de fatores sociais, como mostraram os dados. O ambiente em que os informantes vivem, bem como sua idade, foram os fatores mais determinantes encontrados na escolha vocabular. A escolaridade e o sexo também se mostraram fatores importantes, mas com papel coadjuvante para o campo semântico investigado.

Para finalizar, uma pesquisa em uma área geográfica mais ampliada, com acréscimo de mais lexias, é recomendada para ratificar os resultados aqui expostos. De toda forma, espera-se ter contribuído para a linguística, especialmente para a daletologia pluridimensional, área nova, carente de pesquisas, sobretudo acerca do falar catarinense.

Referências

- AGUILERA, V. de A.; FIGUEIREDO, M. B. T. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 5, p. 9-47, dez. 2002
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná – II*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2 vol., 2007. 223p.
- ARAGÃO, M. S. Variação Fonético-lexical em Atlas Linguísticos do Nordeste. *Revista do GELNE*, Ano 1. n. 1, 1999.
- BIDERMAN, M.T.C. Fundamentos da Lexicologia. In: *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99 – 155.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, A. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- GUBERT, A. L. *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*. Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação.
- GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HISTÓRICO do município de Xanxerê. 2013. Disponível em: <https://www.xanxere.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/4786>. Acesso em: jun. 2019.
- LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M; LOPE BLANCH, M.L. *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.
- MAPA da Associação dos Municípios do Alto Irani. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#homepage>. Acesso em: mar. 2018.

PAIM, M. M. T. A emergência de identidade social de faixa etária e variação: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: MOTA, J. A.; P., M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C.. *Documentos 5: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliação e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015, p. 245-253.

PAULI, V. S. *Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português*. Dissertação. Florianópolis: UFSC, 2001.

RADTKE, E.; THUN, H.(ed.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. 648 p.

RAZKY, A. (org.). *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004.

RAZKY, A. A dimensão sociodialetal do léxico no projeto Atlas Linguístico do Brasil. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

RAZKY, A. *Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará*. Estudos Linguísticos e Literários. n. 41, Salvador, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, UFBA, 2010.

RAZKY, A.; COIMBRA, D.; COSTA, E. O. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item cambalhota no Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 40, p. 151-169, 2017.

RAZKY, A.; SANCHES, R. D. Variação geossocial do item lexical riacho/córrego nas capitais brasileiras. *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 70-89, 1. sem., 2016.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957 [1955].

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: ENGLEBERT, A.; PIERRARD, M.; ROSIER, L.; RAEMDONCK, D. V. et all. (org.). *Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, 1998, 367-388.

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (ed.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.

WARDHAUGH, R. *An introduction to sociolinguistics*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1992.